



NA ROTA DA “TRANSA-AMAZÔNICA”

Idelma Santiago da Silva*

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

idelma@unifesspa.edu.br

Hiran de Moura Possas**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

hiranpp@hotmail.com

RESUMO: Do número imensurável de textos sobre a vida, que o útero do tempo é capaz de gestar, aqueles produzidos artesanalmente, fora dos sistemas culturais oficiais, são sem dúvida os mais atraentes. São bordas recheadas de significados e, ao mesmo tempo, se esquivando de todos eles. Esse fazer libertino não poderia deixar de transitar também pelas Amazônia no plural para, de modo muito precário, tentar acompanhar a velocidade de suas transformações, inclusive a de alguns artistas das bordas, como Antonio Juraci Siqueira, um *flâneur* transitando pelos territórios barrocos com funcionamento semiótico, sem ponto de referência, sem verdade última, todo ele relação, tradução constante e dinâmica, inclusive ao Transar as Amazônia pela rodovia “boiúna”.

PALAVRAS-CHAVE: Transamazônica – bordas – Amazônia – fronteiras - Antonio Juraci Siqueira.

FOLLOWING THE TRAIL OF THE CROSS HIGHWAY

ABSTRACT: The immeasurable number of texts about life, that the womb of time is able to create, those produced handmade, outside the official cultural systems, are undoubtedly the most attractive. They are edges filled with meanings, and at the same time, dodging from all of them. This libertine practice should also move by the Amazons in the plural. It's important because, in a very precarious way, the speed of their transformations are being followed, including some artists from the edges as Antonio Juraci Siqueira. He's a *flâneur* transiting by baroque territories with semiotic operation, without reference point

* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, lotada no Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo e no Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia. Coordena o Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Dinâmicas Sociais na Amazônia Oriental brasileira, cadastrado no CNPq e autenticado pela UNIFESSPA.

** Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professor Assistente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/ Instituto de Ciências Humanas/ Faculdade de Educação do Campo. Integrante dos Grupos de Pesquisa do CNPq: Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem/PUC-SP e Saberes Populares Poéticos e Narrativos na Amazônia Paraense/UNAMA-PA.

and no ultimate truth. He is all relation, constant and dynamic translation, including when he transits the Amazons by the "boiúna" highway.

KEYWORDS: Transamazônica – Edges – Amazons – Borders - Antonio Juraci Siqueira.

“TRANSA-AMAZÔNICA”: ALEGORIA DA FRONTEIRA

Marquises sujas, vendedores ambulantes
bordeis, pernas morenas, cicatrizes finas
vestígios nos corpos da poeira de estradas
corpo remexido, cavado, usado, vendido de
passagem, ponto. Ponto de ônibus:
..... Olha a maçããããã.....
..... Olha a laranja.....
..... a tãããããã.....
.....água mineral aêêêê.....
.....chop-chop, picolé.....
Meninos descalços vida parecendo velhice
em rosto de criança palavras bêbadas soltas
no chão azedando pelos cantos,
vomitando a cada passo, o comércio:
botequins, pingos de pinga, PFs, PMs,
táxi, banana, redes, relógios,
mosquiteiros, restos, restaurantes,
chaveiros, bonés, pôsteres, postes, bancas
de jogo, ferro velho, velhos, meninos,
prostitutas,
buchada, carne seca que se compra, come e
vende
numa transa-amazônica.
Acolá o quartel e o batalhão
“um-dois, três-quatro, cinco-seis”
seis, Km-seis
daí para Velha-Cidade Nova-Marabá.
A linha do trem vale um riso doce
“café-e-pão quem-não-tem-não,
café-e-pão-eu-não-tem-não...
Só amola é cega mão
que pede esmola pra gente limpa
que passa séria sobre a miséria
. e nega: “pela luz dos teus olhos,
dá uma esmola pra cidade cega”.¹

A “transa-amazônica” – alegoria da fronteira. Metáfora como recurso metodológico de aproximação aos processos ambivalentes, aos movimentos, curvas e

¹ RIBEIRO, Jorge Luiz. Quilometro 6. In: BRAZ, Ademir (Org.). **Antologia Tocantina**. Marabá: Grafecort, 1998, p. 89-90.

deslocamentos da história vivida, porque “metáforas são risos dos conceitos, são dobras, dissonâncias, rompendo com o conceito como único lugar da verdade”.² Assim, a “transa-amazônica” do poema km 6³ se caracteriza pela combinação de passagem-ponto e pela justaposição de elementos, como confluência do múltiplo que não se harmoniza numa síntese, nem toma a ambivalência e o antagonismo como limites, mas aquilo que reúne e separa simultaneamente tempos, espaços e práticas de transumanar – de certa forma, outra metáfora que, como riso do conceito, revela sua insuficiência.

A fronteira como espaço pertinente à experiência da alteridade e à exigência da tradução cultural⁴ reivindica a transversalidade que a caracteriza, a imprevisibilidade e a variabilidade de seu destino. Nela “os produtos culturais (incluindo a arte) e o mundo natural não são objetos para uma investigação racional, mas sim vozes dentro da fábrica de uma conversação interminável”,⁵ tornando possível a configuração de epistemes e poéticas vizinhas e mestiças, com duplos ou mais pertencimentos, borrando os espaços prescritivos das ciências e de suas relações com outros conhecimentos. Assim, menos afeitas ao “pensamento de sistema” e confluindo para um “pensamento de arquipélago” ou “pensamento de vestígio” caracterizado pela imprecisão, pela ambiguidade e pela relatividade.⁶

As dimensões de movimento e abertura caracterizam a fronteira como produtora de “subjetividades em trânsito”⁷ e a questão da alteridade é sempre problemática ou mesmo dramática. Por isso, a fronteira “transa-amazônica” é instituída, constituindo-se, dentre outras possibilidades, numa tecnologia do poder de produção de alteridades, no limite, concebidas não-humanas.

² ALBUQUERQUER JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora; Recife: FJN, Ed. Massangana, 2001, p. 33.

³ Jorge Luiz Ribeiro dos Santos é natural de Inhapim (MG), de pais lavradores, mora no Pará desde 1994. Quando esse poema foi publicado era estudante de Direito na UFPA/Campus de Marabá. Além de poemas, escreve contos e crônicas.

⁴ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila; Eliana L. de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

⁵ LAWN, Chrins. **Comprender Gadamer**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 14.

⁶ GLISSANT, Édouard. **Poetics of Relation**. Translated by Betsy Wing. United States of America: University of Michigan Press, 1997.

⁷ CABRERA, Olga. A literatura e a filosofia da contracultura caribenha em Alejo Carpentier. In: ALMEIDA, Jaime de; CABRERA, Olga; CORTÉS ZAVALA, María Teresa (Orgs.). **Cenários Caribenhos**. Brasília: Paralelo 15, 2003. p. 32-48.

Em 1971, quando o primeiro trecho da rodovia era inaugurado, uma matéria publicada no Itatocan Jornal, em Marabá, trazia o título “Transamazônica humanizando”.

Há poucos anos atrás, era Justo [sic] que se encontrasse, nas margens do Tocantins, o homem denominado ‘CARAJÁ’. Bastava ser analfabeto e não se vestir bem, para ser um ‘CARAJÁ’. UM BAIANO SEM SER DA BAHIA ou o caboclo na expressão mais vulgar. Agora o homem está voltando ao HUMANO.⁸ (destaque do autor)

É um discurso coerente às pretensões de sentido e consenso público pelo governo ditatorial que construía a rodovia, bem como participa e produz um sentido da fronteira como limite do humano: “Além dela está o não-humano, o natural, o animal”.⁹ Assim,

o que poderia ter sido um momento fascinante de descoberta do homem, foi um momento trágico de destruição e morte. Mas isso não tira a dimensão épica e poética dos fugidios instantes do encontro de diferentes humanidades como tem ocorrido na região amazônica.¹⁰

O transumanar implica práticas de tornar humano. Inventariar as fronteiras da alteridade com a intenção de promover o outro como não-humano (alteridade destituída de reconhecimento) constitui-se numa estratégia de dominação simbólica, podendo ou não ser acompanhada de subordinação ou eliminação físico-material. Assim foi a “transa-amazônica” sobre diversos povos indígenas que tinham seus territórios de vida na rota da estrada.

A história dos Arara, embora pouco conhecida, é igualmente trágica (e haverá, para os índios, história que não seja trágica neste país e em quase todos os demais?). Eles conseguiram fugir à ofensiva realizada pelo SPI entre 1952 e 1960 para 'pacificar' diversas tribos indígenas dos vales do Tocantins, Xingu e Tapajós, consideradas ameaçadoras à economia regional por defenderem suas terras, terras estas que continham seringais ou castanhais cobiçados pelo 'branco'.

Fugindo dos seringalistas e donos de castanhais – e também do SPI – os Arara penetraram no interior da floresta arrasados por doenças, falta de alimento e mudança de ambiente. Fizeram sua aldeia a aproximadamente 100 quilômetros de Altamira e reiniciaram a vida. Foram surpreendidos pelas pesadas máquinas que abriam, em 1970, a Transamazônica: suas habitações, roças e pertences foram

⁸ CANDIDO SÁ. Transamazônica humanizando. **Itatocan Jornal**, Marabá, 25 dez. 1971, p. 2.

⁹ MARTINS, José de S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 162.

¹⁰ Ibid., p. 163.

abandonados na fuga às pressas. Continuaram os Arara fugindo para o sul.

No início de 1971, um grupo de trabalho formado pela Funai (chefiado pelo falecido e saudoso antropólogo Eduardo Galvão, com participação de mais três antropólogos do Museu Goeldi) reconheceu que os grupos ainda não pacificados que se encontravam na rota da estrada, 'além de constituírem minoria, parecem não possuir a força agressiva então demonstrada pelos Kayapó.¹¹

Outras contradições vivenciaram os migrantes atraídos para as “margens” da rodovia pela colonização oficial. Ambigualmente, aquele que fazia existir a Transamazônica era produzido para o não pertencimento, construído discursivamente como deslocado e mobilizável. Uma ocorrência de 1970, na região de Altamira, é emblemática dessa construção exatamente pelo desvio discursivo propiciado pelo contexto de enunciação. Magno Michell Braga¹² aborda a fala de um migrante escolhido para “receber” o então presidente Emílio Garrastazu Médici, na Transamazônica em 1970. O migrante, chamado Zé Curioso, que não teria correspondido ao gesto de mão estendida do presidente ao cumprimentá-lo, relata, em entrevista oral, dando entender que o presidente agilizou-se em bater em seu ombro e dizer: “Curioso, vocês são uns bravos, vocês vieram pra cá, pruma guerra”.

Apesar da construção simbólica da Transamazônica ter se tornado um imperativo naquele período, percebe-se que algo foge ao controle do discurso oficial quando Médici diz “Curioso, vocês são uns bravos, vocês vieram pra cá, pruma guerra.” Ao deixar escapar que os nordestinos “vieram pruma guerra” o discurso oficial – aquele trabalhado midiaticamente - é contradito pela expressão máxima do próprio Estado nacional, o presidente da República. Logo, evoca-se a violência física e simbólica sofrida pelos migrantes durante a guerra que, para ser vencida, convoca os “bravos”. Conforme Villalva e Silvestre (2011) esse verbete polissêmico, atualmente associado à coragem e valentia, porém tem sua origem, no Latim *Bravus*, que remete a *barbarus*, selvagem, desumano, rude. [destaque do autor]¹³

Por isso, a fronteira se engendra como um lugar intersticial onde a diferença, o antagonismo e as afiliações são expostos, onde cada “objetivo é constituído sobre o traço daquela perspectiva que ele rasura”.¹⁴ O discurso da integração nacional, da

¹¹ PINTO, Lúcio Flávio. História trágica. **O Liberal**, Belém, [s./p.], 16 Jun. 1979.

¹² BRAGA, Magno Michell. Marçal. **Transamazônica em perspectiva: a experiência dos trabalhadores migrantes do Nordeste**. Marabá, 2014. (Texto não publicado, 14f).

¹³ *Ibid.*, p. 9

¹⁴ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila; Eliana L. de Lima Reis; Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 53.

rodovia “libertando” o “caboclo”, é a perspectiva da civilização destituindo, rasurando humanidades outras, a diversidade do mundo.

O amazônida, prisioneiro da Natureza assiste empolgado a penetração das matas pelas possantes e complexas máquinas que constroem a Transamazônica. [...] o caboclo começa a sentir-se libertado do meio pelo contato com outras gentes e pelo viajar sobre rodas, livre de cachoeiras e dos temporais. [...] mineiros, paulistas, goianos, pernambucanos – gentes de outras terras que para aqui afluem para conhecer o novo Eldorado. [...] É o Brasil conquistado [sic] a Amazônia para a sua completa integração. [...] O amazônida, despertado pelas Trombetas da Civilização, vai desmentir sociólogos e historiadores, unindo suas forças e sua coragem à técnica e experiência do sulista à bravura e perseverança do nordestino [...]. Já era tempo de o Sul vir de encontro ao Norte.¹⁵

Nesse discurso, a participação do “caboclo” – com sua força – e do nordestino – com sua bravura e perseverança – deve ser aquela de realizar o trabalho em condições extremamente adversas – uma guerra – e deixar de existir, assim cumprida sua tarefa pelo “futuro e grandeza” do Norte. Sujeito social “apagado” e “rasurado” pela técnica e experiência dos “civilizados” vindas ao seu “encontro”, para, pretensamente, dirigir os seus destinos.

Discursos contra-hegemônicos exalando os sentidos da fronteira emergem de narrativas outras, inclusive aqueles antes produzidos como não-humanos e mobilizáveis, evidenciando sua perspectiva agonística, autofágica, transversal e a capacidade de fazer protagonizar outras “transas” nas Amazônias.

“TRANSA” AS AMAZÔNIAS: SOLEIRAS DE PASSAGENS

Irmã Sefafina Cinque,¹⁶ **O anjo da Transamazônica**, dá título, sob a forma de cordel, a uma pretensa “homenagem” de Antonio Juraci Siqueira,¹⁷ poeta das “bordas”¹⁸ amazônicas traduzindo, aparentemente, as obras assistenciais de uma religiosa, porém como “Tudo o que é macro é micro e tudo o que é externo é interno, desde que bem tecido no mosaico, através de costuras que mapeiam a cadeia reticulada das

¹⁵ BARROS, João Maria. Futuro e Grandeza. **Revista Itatocan**, Marabá, Ano 8, n. 1, [s./p.], jan. 1971.

¹⁶ A referida irmã prestou grande parte de sua vida aos propósitos filantrópicos. Fundou hospitais, acolheu órfãos e grávidas, pelas “bordas” da rodovia.

¹⁷ Poeta das Amazônias brasileiras nascido em Cajary/Marajó.

¹⁸ Pensar pelas bordas, categoria analítica forjada pela pesquisadora Jerusa Pires Ferreira, significa tentar excluir a ideia de centro ou de periferia. Seria uma faixa de transição delineada por aquilo chamado de folclore e de culturas institucionais.

conexões”,¹⁹ nessa escritura protagoniza a rodovia Transamazônica, espaço de bifurcações e caminhos transversais. Um lugar de muitas geografias; muitas riquezas minerais; de grande diversidade biológica. Espaço da variação:

Irmã Serafina chega
no momento crucial
da construção de uma imensa
rodovia federal.
Uma obra faraônica
chamada Transamazônicas
qual boiúna colossal!

O progresso propalado
nos ditos da Ditadura
foi, aos poucos, se tornando
semente de desventura.
Comparada à bomba atômica,
a estrada Transamazônica
tornou-se “Transamargura”.²⁰

A Rodovia Transamazônica (BR-230) foi projetada durante o governo militar do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969 a 1974), sendo uma das chamadas “obras faraônicas” graças às suas proporções gigantescas. É a terceira maior rodovia do Brasil, com 4 223 km de comprimento, ligando a cidade de Cabedelo, na Paraíba à Lábrea, no Amazonas, cortando sete estados brasileiros: Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas. É considerada rodovia transversal e, ainda em grande parte no Pará e no Amazonas, não pavimentada.

Nessas bordas histórico-culturais, costumeiramente rasuradas pelas “histórias oficiosas”, estão vivas e reluzentes as missões assistenciais de Irmã Serafina, encontro-trânsito de sujeitos culturais sobrecarregados de bens simbólicos dialogando/tensionando com projetos de “desenvolvimento megalômanos”, desde sempre, repensados para as Amazônias.

Migrantes de toda parte
por todo canto se via
plantando sonho e esperança
às margens da rodovia
que o governo militar
ia abrindo sem parar
com arrogância e euforia.²¹

¹⁹ PINHEIRO, Amálio. **Barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 37.

²⁰ SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Irmã Serafina Cinque**: o anjo da Transamazônia. Belém: [s.n.]. 2011, p. 19-20.

Essas questões plurais, da dispersão e da mesclagem, da ruína e da destruição, das fronteiras, da ausência delas e de suas transposições, da territorialização e da desterritorialização, do nomadismo e do sedentarismo, do exílio e do desenraizamento e das causas de tudo isso, são abordadas pelo texto colorido de Juraci, ribeirinho dos Marajós e andarilho amazônico forjado e disperso por tantas memórias, tantas culturas e tantas ciências.

O tempo de engaste dessas dobraduras artísticas de Juraci não passa diante de nossos olhos como os ponteiros do relógio de um turista *voyeurista* preocupado com as “perdas” e “resgates” da tradição. O tempo de seus experimentos somos nós em direção contrária, em ritmo contrário à programação dos relógios e dos calendários. Quem sabe, um tempo barroco!²²

Nesse mapa movediço de tempo barrocos desfilando pela rodovia-serpente, Juraci faz uma aposta alucinante com Cronos, abrindo a caixa de surpresa de tempos que as elites do pensamento ocidental utilizaram para forjar a mitologia e a história da América Latina. Delinear uma representação para essas badernas temporais lembra Deleuze²³ e suas desdobras. Quem sabe a elipse, curvatura acidental a deriva das retas, dê contornos a esses tempos elásticos transamazônicos.

Foi nesse campo minado
por tanta desigualdade
que nossa Irmã Serafina
e a sua comunidade
lutaram tão bravamente
para atender tanta gente
que chegava na cidade.

Do malfadado projeto
foi a miséria um produto.
Na cidade de Altamira
esse crescimento bruto
transformou-se num tumor

²¹ SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Irmã Serafina Cinque**: o anjo da Transamazônia. Belém: [s.n.]. 2011, p. 20

²² Deslocado de seu significado histórico ligado a estilos artísticos, esse neobarroco, revela o mal-estar da cultura moderna-ocidental, suas crises e sua desordem. Enfatiza-se o desequilíbrio, a tensão e a fragmentação da sociedade e sua diversidade, assim como a crítica aos valores e concepções tradicionais na procura de uma forma de desmascaramento da sociedade e da cultura, através de seus personagens. Em um mundo, desde sempre, redesenhado pelas rupturas e mudanças e, principalmente, de inversões, as temáticas abordadas refletem o processo de crises e ressignificações sociais.

²³ DELEUZE, Gilles. **Leibniz e o Barroco – Gilles Deleuze**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papyrus, 1991.

traduzido em muita dor,
desavença, pranto e luto.²⁴

A rodovia-boiúna²⁵ serpenteando por cidades-florestas, é a “Transamargura”, lugar que não termina e termina, um não lugar, espaço artístico-errático delineado pelas lembranças-esquecimentos de Serafina/Transamazônica e de seus “pacientes”:

Em toda a Transamazônica
foi ficando conhecida
como o anjo por Deus mandado
para salvar tanta vida.
Esse reconhecimento
do povo, dava-lhe alento
na caminhada sofrida.

E assim Irmã Serafina,
personagem desta crônica,
semente por Deus lançada
na realidade amazônica,
recebe, do povo pobre,
seu cognome mais nobre:
Anjo da Transamazônica!²⁶

Atravessando a rodovia “sem trégua [...] na oblíqua na diagonal ou na transversal, em todos os sentidos possíveis do espaço [...] da direita para a esquerda, de frente para trás, de alto para baixo, por cima, por baixo”,²⁷ Serafina desbrava outros espaços ou micro espaços, visitando-descrevendo hospitais, prostíbulos e os corpos de tuberculosos e de gestantes.

Um certo dia ela soube
do drama de uma mulher
que estava tuberculosa
num prostíbulo qualquer.
Lá chegou determinada
no amor divino arrimada
dizendo: “– Deus é quem quer!”

Depois de enfrentar a ira
da dona do tal lugar,
dali tirou a infeliz
para então dela tratar.

²⁴ SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Irmã Serafina Cinque**: o anjo da Transamazônia. Belém: [s.n.]. 2011, p. 20-21.

²⁵ Pela sinuosidade e condições de pavimentação, tráfico de drogas, violência e agressões ambientais enfrentados por quem transita por certos trechos da Transamazônica.

²⁶ SIQUEIRA. 2011, op. cit., p. 27.

²⁷ SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 36.

Desse modo a prostituta
sarou, mudou de conduta
e passou a lhe ajudar.²⁸

Perfurando passagens pelos meandros da rodovia, “num prostíbulo qualquer”,
“um tal lugar”, “a boa Samaritana” cruzou também com:

[...] campo, mata, rio
expondo um câncer latente
no coração do Brasil.
Atender toda essa gente
sem ter um canto decente,
era o grande desafio.

O Bispo Dom Eurico Krautler
ficou muito impressionado
com a luta dessa mulher
pelo povo deserdado.
Ouviu seu clamor profundo
e moveu mundos e fundos
para lutar do seu lado.²⁹

Os jogos de “proximidade, em vaivém, entre signos e coisas” ou da “boca roçando a paisagem” entre “sílabas-cipós”,³⁰ ganha contornos no cordel “transamazônico” no qual há “palavra em rotação; espaço plural [...] palavra ao ar livre, pelos espaços exteriores e interiores: nebulosa contida em uma pulsação, pestanejo de um sol”.³¹

Esses lugares de bifurcações mestiças hiperinflacionam o cordel de Juraci: “Ele não caminha nem viaja seguindo um mapa que repetiria um espaço já explorado”.³² Dentre esses percursos, surgem as “cidades autofágicas”, espaços inclassificáveis, mas, pelo olhar do pesquisador Amálio Pinheiro, podendo ser compreendido, como:

um gigantesco subúrbio expandido, um caldeirão barroco-caboclo com múltiplas interfaces e alguns apliques, já incorporadas e traduzidas, disso que chamam geral e vagamente, como por preguiça, modernidade.³³

²⁸ SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Irmã Serafina Cinque**: o anjo da Transamazônia. Belém: [s.n.]. 2011, p. 27.

²⁹ Ibid., 29.

³⁰ PINHEIRO, Amálio. **Barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 79-110.

³¹ PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 119.

³² SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 117.

³³ PINHEIRO, 2013, op. cit., p. 63.

Coari,³⁴ Manacapuru,³⁵ Urucurituba,³⁶ “escrituras em caramanchão”³⁷ ajudam a desenhar esse espaço de “arranjo tupinizante”³⁸ – barroquismo por “fatalidade de idioma”³⁹ enroscado nas trajetórias de Serafina por geografias tão diversificadas, mas ao mesmo tempo, tão próximas. Lá residem as cidades dos minérios; os espaços das palmeiras e o lugar para o banho dos “deuses”.

No dia cinco de março
partiu em nova jornada
no rumo de Coari
pra onde foi enviada.
Lá, além de diretora,
foi, ainda, professora
competente e dedicada.

Diretora do Instituto
Maria de Mattias, fundou
a Escola Normal Rural
em Altamira e ajudou
a implantar, em Santarém,
outro colégio. Porém
a luta continuou.

Para Manacapuru
ela então segue viagem
onde fica por dois anos
de deus pregando a mensagem
entre Irmãs adoradoras,
em cujas mãos promissoras
deixava o grão da coragem

No ano cinquenta e quatro
a Codajás enviada,
incansável e obediente,
não reclamava de nada.
Foi como Superiora
das Irmãs e Diretora
cumprir mais uma jornada.

³⁴ Município do Amazonas. O nome Coari provém de matrizes indígenas dos povos Catauixis, Irijus, Jumas, Jurimauas, dentre outros. “Coaya Cory”, ou “Huary-yu” significando respectivamente, “rio do ouro” e “rio dos deuses”.

³⁵ Palavra em Tupi significando “Flor Matizada”. É derivada das expressões Manacá, que significa Flor em tupi, e Puru, da mesma origem, que quer dizer enfeitado, matizado.

³⁶ Vocábulo significando palmeiral, “lugar onde há muitas palmeiras”. Do tupi *urucuri*: uma das muitas variedades de palmeiras do Brasil; e *tyba*: grande quantidade, abundância.

³⁷ PINHEIRO, Amálio. **Barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 113.

³⁸ *Ibid.*, p. 88.

³⁹ PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 29.

Regressa a Urucurituba,
as sua terra natal
e de lá, depois de um ano,
retornou à Capital.
Em Manaus, em cada escola
Noeme ensina, consola
e prega o amor divinal.⁴⁰

Cartógrafo⁴¹ devorador-devorado de/por vozes mundanas de tantas Serafinas, Juraci transcribia crônicas orais da rodovia para suas quadras, um modo interessante de construir outros mapas fazendo protagonizar histórias não contadas oficialmente.

Para essa prática rizomática do artista sensível às alteridades, Boaventura Santos⁴² apregoa sua ecologia de saberes, “reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos [...] em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles”. Martín-Barbero,⁴³ na mesma esteira de reflexões, nos faz perceber esse fazer cartográfico de Juraci, como construção de outros “mapas cognitivos que traduzem outras figuras como a do arquipélago, desprovidas de fronteiras que os una. Com isso, o continente se desagrega em ilhas múltiplas e diversas, que se interconectam”. Glissant,⁴⁴ em devir com “Transamargura”, imensa rodovia serpenteante de subjetividades, nos faz percebê-la sob a metáfora do rizoma, “pensamento arquipélago, não sistemático, indutivo, que explora o imprevisível da totalidade-mundo, e que sintoniza, harmoniza a escrita à oralidade, e a oralidade à escrita”.

⁴⁰ SIQUEIRA, Antonio Juraci. **Irmã Serafina Cinque**: o anjo da Transamazônia. Belém: [s.n.]. 2011, p. 13.

⁴¹ Essa proposição “teoricometodológica” significa, para o pesquisador e pensador Agenor Sarraf Pacheco, em seus inúmeros estudos dedicados as Amazônias: ver, observar, olhar, visitar, trafegar, apalpar, viver o bairro, pensar a cidade, refletir sobre seus caminhos, debater suas presenças ausentes, mergulhar em sua história, captar usos e sentidos de seus patrimônios edificadas, abandonados, silenciados, restaurados, praticados por aqueles que os constroem, compartilham e a eles dão existência física e simbólica.

⁴² SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010, p. 53.

⁴³ MARTÍN-BARBERO, Jesús. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 23, n. 01, p. 151-163, jan./ jun. 2000. Entrevista concedida à Cláudia Barcelos.

⁴⁴ GLISSANT, Édourd. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 54.

O ARADO FAZ A VOLTA AO FINAL DO SULCO⁴⁵...

Pensar sobre e com tantas subjetividades, pode significar com o auxílio de Walter Mignolo,⁴⁶ a possibilidade residual de construção do pensamento decolonial, um fazer, quem sabe, adaptativo ao querer construído a partir dos aprisionamentos culturais, políticos e epistêmicos. Devaneio de um pensamento fronteiriço?

Fazer Arte com e na fronteira, consumindo um pouco mais Mignolo,⁴⁷ seria tentativa de ruptura epistêmica estratégica, a partir da inserção de bordas recheadas de propósitos na colonialidade do poder, do saber e do ser.

Desnaturalizar os projetos imperialistas poderia ser chamado de desobediência, categoria pensada como opção para essa prática decolonial nas searas teóricas e políticas: “para compreender e atuar no mundo, marcado pela permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva”.⁴⁸

Spivak,⁴⁹ sobreposta nessa malha de reflexões, não parece crer nessa estratégia de resistência, pois já no título, em inglês, de sua obra: *Can the subaltern speak?* ficam nas ambiguidades levantadas questões como: O subalterno tem a permissão de falar? O subalterno é capaz de falar? Como fala o subalterno?

As negociações com os discursos hegemônicos são difíceis para artistas e para pesquisadores. Spivak⁵⁰ não vê com o otimismo nossas relações promíscuas com o pensamento ocidental. Ela pensa que pesquisadores são incapazes de falar pelos “subalternos”, mas capazes de desafiar e construir mecanismos para o “subalterno” se articular e, quem sabe um dia, ser ouvido.

Esses mecanismos da “resistência” partem de uma escrita “articulada” com os discursos hegemônicos, mesmo porque “não são os corpos de sentidos que são

⁴⁵ Empréstimo da expressão de: AGAMBEN, Giordio. **O que é o Contemporâneo?** Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

⁴⁶ MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ BALESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai./ ago. 2013.

⁴⁹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1ª ed. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

⁵⁰ Ibid.

transferidos nas traduções, mas sim a linguagem e seu papel para um determinado agente”.⁵¹

Na Literatura, um laboratório de experimentos sem fim, inclusive os de práticas de resistência, Euclides da Cunha e sua escritura “gráfico-geológica/gráfico-botânica”,⁵² uma tradução a essas transas barrocas pela Transamazônica de Juraci, dão moradia a dispositivos⁵³ adormecidos, como no diálogo, em tons de igualdade, das humanidades com a natureza:

Era inevitável. O forasteiro, ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à empresa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo, aparelhavam-no às mais espantosas viagens. O rio carregava-o; guiava-o; protegendo-o. Restava-lhe o só esforço de colher à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo – dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê duma armazenagem milenária de riquezas, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo [...] O povoamento não se expandia: estirava-se.⁵⁴

Essa escritura mefistofélica⁵⁵ ou essa grande lepra barroca⁵⁶ acometendo as produções do Juraboto⁵⁷ são invólucros sucessivos de uma escritura por outra, acúmulo permanente de diferentes nódulos de significação permutáveis transbordando significações. As superabundâncias e os “desperdícios” resultados das curiosidades

⁵¹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1ª edição. Tradução Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

⁵² PINHEIRO, Amálio. **Barroco, cidade, jornal**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 110.

⁵³ Rede de sentidos destinada à vida interna de um determinado grupo. A cultura os “escreve” utilizando os diferentes códigos disponíveis em sua memória.

⁵⁴ CUNHA, Euclides da. **Um Paraíso Perdido: ensaios amazônicos**. (Coleção Brasil 500 anos). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

⁵⁵ O termo foi cunhado por Haroldo de Campos em: CAMPOS, Haroldo de. **Deus e o Diabo no Fausto de Goethe**. São Paulo: Perspectiva, 1981. Usamos no sentido de um discurso pícaro, denunciador, revelador, atento e resistente aos processos de ressignificação dos pensamentos tardo capitalistas e positivas.

⁵⁶ Metáfora provocativa usada pelo poeta cubano José Lezama Lima descrevendo os devires latino-americanos: LIMA, José Lezama. **A Expressão Americana**. Tradução Irlemar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.

⁵⁷ “Pseudônimo” atribuído a Antonio Juraci Siqueira por seus leitores. Juraboto é desdobramento do colapso da animalidade com a humanidade. Nesse múltiplo orgânico não existem fronteiras nem existem superposições entre homens e animais. Somos essa criatura simbiótica vivendo nas confluências entre sonhos, ciências e artes. As culturas e os cordéis de Juraci não são uma simples interface entre o real e o imaginário! É o ato constitutivo, radical e simultâneo, das “transas” das culturas com a natureza.

fáusticas⁵⁸ de Antonio Juraci Siqueira apontam para uma arte repetitiva e irregular, destituída de uma escritura fundadora, uma origem jamais podendo ser representada, “reflexo necessariamente pulverizado de um saber que sabe que já não está ‘aprazivelmente’ fechado sobre si mesmo. Arte do destronamento e da discussão”⁵⁹ de quem, simbioticamente com a vida, especialmente a Severina,⁶⁰ denuncia os processos recolonizadores do belo, das ciências e da sobrevivência.

ARTIGO RECEBIDO EM 29/05/15. PARECER DADO EM 26/07/15



www.revistafenix.pro.br

⁵⁸ Pensando pelos Faustos de Goethe, Juraci pactua com diferentes ciências, tecnologias e Artes. Suas obras são recheadas de humanidades, oralidades, filosofia clássica, filosofia de vida, dança, teatro e “flanadas” pelas mídias digitais.

⁵⁹ SARDUY, Severo. O barroco e o neobarroco. In: FERNÁNDEZ MORENO, César (Ed.). **América Latina em sua literatura**. Tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Perspectiva/UNESCO, 1979, p. 178.

⁶⁰ Referimo-nos ao discurso-arte-manifesto das bordas, **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto.